

RESENHA

Símbolos Religiosos em Controvérsias: uma resenha

GIUMBELLI, Emerson. *Símbolos Religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014, 248 p.

Emerson Alessandro Giumbelli antropólogo e professor no departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, o autor escreve o livro em dez capítulos, destes, cinco deles com temáticas referentes ao Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro é a partir disso que o autor vai analisar e confrontar a importância que os símbolos religiosos têm no cenário público brasileiro, ao se deparar com a leitura da obra, o leitor perceberá que o fenômeno de secularização está muito presente em nossa sociedade, e que por vezes nem nos damos conta disso, e isso que Giumbelli transcorre em seu livro.

No primeiro capítulo Giumbelli logo nos coloca dentro do universo dos símbolos, e de correlacionar o político com o religioso na construção da nação brasileira. É a partir desta relação com os processos religiosos e a laicidade no Brasil, e é a partir dos quadros e pinturas sobre Tiradentes, que o autor discute essa dualidade dos símbolos religiosos e da política que foi transformado no mártir brasileiro, inclusive com feriado, é possível perceber nas representações de Tiradentes semelhanças com Cristo, suas feições, barba, cabelo e expressões celestiais. Giumbelli com base no historiador José Murilo de Carvalho descreve as diferenças e o fracasso na representação feminina da nova república, diferentemente da França, a nossa heroína se consolidou na imagem de Nossa Senhora de Aparecida, definitivamente a intenção de formar uma pátria laica parecia não vingar.

Outra questão apontada ainda no primeiro capítulo pelo autor é a questão da religiosidade construída em torno do Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro em 1931, momento esse que não apresentava somente um universo turístico, mas também uma forte ligação da igreja católica com os políticos e a política da época, ainda no

segundo capítulo o autor retrata a questão da modernidade que se esperava com a construção do Cristo Redentor na década de 30, com uma arquitetura moderna e expressiva da religiosidade e como a igreja se apoiou neste lema “Liberdade e Modernidade”, em dois períodos importantes de transição da igreja e do estado, uma visão talvez libertária do catolicismo e moderno na figura do Cristo Redentor construído com materiais modernos para o período, de certa forma, hoje a imagem do Cristo Redentor é visitada e apreciada por diferentes segmentos religiosos, que na época eram contra, como evangélicos e a cultura afro-brasileira e afro-baiana, que na contemporaneidade a igreja católica despreza.

No terceiro capítulo Giumbelli trabalha com a nacionalidade carioca e brasileira construída em torno do Cristo Redentor, ao olharmos a imagem no alto do morro do Corcovado, logo pensou em Brasil, e é este Brasil que a igreja Católica, estava tentando construir, não somente internamente, mas também internacionalmente, ou seja, a visão de um país exemplo de religiosidade para outros países. Mas, ocorre que pensando em uma visão pós-colonialista, o quanto de brasilidade o Cristo Redentor possui e o quanto ele tem de estrangeiro? Os discursos da igreja católica para o “Cristo Brasileiro” que foi construído com elementos estrangeiros, principalmente, franceses, e visões do sul do mundo para a Europa, entre nós e eles.

No quarto capítulo, em parceria com Isabella Bosisio Giumbelli trabalha com as várias imagens que o Cristo Redentor pode ter nas diversas narrativas, sejam elas políticas, religiosas, cívicas, midiáticas, turísticas em conjunto com transformações que ocorrem na contemporaneidade e dos vários discursos e sentidos que o religioso pode tomar. Certamente a escolha do Cristo Redentor como uma das sete novas maravilhas do mundo moderno sofre alguns discursos que se disseminam e ganham adeptos ou não, durante as eleições e após a imagem do Cristo sofre uma ‘mutação’ e passa da imagem congelada para uma que percorre o mundo, que perpassa a questão religiosa e

adentra no turismo, do próprio nacionalismo, identidade e pertencimento da imagem ao país e conseguiu, o Cristo tem sido visitado por vários motivos, classes e representações societárias, religiosas ou não. A reflexão que fica é, qual a imagem do Cristo hoje?

No quinto capítulo Giumbelli trabalha com a perspectiva do passado e presente do Cristo Redentor e de seus significados ressemantizados e utilizados, talvez daquele *Passado Presente* citado pelos historiadores Hartog e Koselleck, ou seja, a visão que a obra adquire com o passar do tempo e da visão que se opera sobre ela. Os sentidos mudam e o monumento passa a ter outros significados aos indivíduos, não somente aqueles religiosos, um exemplo disso é a pichação, pichar o Cristo é uma forma de colocar em evidências as manifestações que se quer colocar em visibilidade, e ao que se reivindica, como por exemplo, o aborto, os direitos homossexuais entre outros, que passa a ser palco de outras lutas da contemporaneidade em qual a igreja se posiciona contra, também por outro lado não é mais o religioso que se configura nos atos de pichação ou de manifestações e sim a possível dimensão da visibilidade no ato feito, e concretizado na imagem.

Já no sexto capítulo, Giumbelli sai do tema Cristo Redentor para adentrar no tema instigante sobre os crucifixos em locais estatais e que tem despertado o interesse de varias ordens, seja elas religiosas, antirreligiosas, políticas ou da população. Fato é que o uso de crucifixos em locais públicos, principalmente repartiamentos estatais é bem comum, embora o país se autodomine laico, não há nenhuma proibição expressa na constituição federal que proíba a utilização de tais símbolos religiosos em ambientes públicos. Cria-se uma disputa de interesses individuais, as pessoas que são a favor e as pessoas que são contra, o argumento eclesástico é de que a religião católica nasceu sob a invocação da cruz, a ‘minoría’ do contra prega o abuso do estado laico em se utilizar de tais símbolos em ambientes públicos, principalmente estatais, que causa uma ‘má fé’ aos ateus ou de outros seguimentos religiosos que procuram estes órgãos.

O que se torna interessante neste sexto capítulo é que o autor percebe a influência

de uma imagem em disputa, tanto dos que são contra quanto a favor. É literalmente uma guerra da iconoclastia, se por um lado há uma insistência de manter os crucifixos e símbolos religiosos nos ambientes estatais, por outra há um verdadeiro sentimento anti-imagens de retirada destes símbolos e trazer o tratamento adequado aos vários seguimentos religiosos do país.

No sétimo capítulo Giumbelli analisa a questão dos crucifixos e do Cristo Redentor, ambos em ambientes públicos, mas que possuem diferentes distinções entre símbolos e espaços públicos. Tanto Cristo Redentor e os crucifixos em ambientes estatais foram postos lá por mãos humanas e ambas possuem um significado histórico cultural e religioso que pertence à nação brasileira, mas ambas as imagens têm discursos diferentes, que fazem o leitor se interrogar. Por que o Cristo Redentor muitas vezes é tão invisível em um cenário de luta contra os símbolos religiosos? Enquanto os crucifixos são tão evidentes, mesmo que em muitos casos quase ‘escondido’?

No oitavo capítulo, o autor faz uma indagação: O que é um ambiente laico? Difícil responder, pois cada um tem a sua resposta sobre o assunto, o próprio autor descreve um ambiente ecumênico criado em um hospital em Porto Alegre que, com o tempo, acabou se tornando através de símbolos e objetos, um local da igreja católica, o que criou conflitos com o próprio hospital e igreja católica.

Um ambiente laico é aquele que sabe respeitar as diferenças religiosas, e que permaneça em dialogo para que possíveis problemas possam ser sanados, um ambiente ecumênico é um local de respeito a religião e ao próximo.

No nono capítulo Giumbelli trata da questão cultural pública de evangélicos na sociedade brasileira, essa cultura evangélica que é descrita por Giumbelli é pensada com o crescimento nas últimas décadas das igrejas evangélicas e do neopentecostalismo e conseqüentemente com a ascensão de sua presença nas diferentes formas da vivência contemporânea na mídia e seus programas diários de televisão, nas rádios e internet, as manifestações públicas entre elas a Marcha para Jesus, que diferentemente de outros seguimentos religiosos feitos em ambientes fechados, a Marcha consegue atrair um

grande público e uma grande visibilidade por ser feito ambientes abertos, a própria música gospel, os monumentos de bíblias ou frases dela em diferentes cidades do Brasil, ou seja, estas buscas por espaços, antes dominados pela igreja católica, fazem dos evangélicos e dos neopentecostais uma forte ascensão da cultura evangélica e que tem conseguido se solidificar e atrair novos adeptos.

Para finalizar no décimo capítulo o autor trabalha com a questão do secularismo e da regulação do religioso, uma conclusão interessante de Giumbelli é que os sentidos de secular e de secularismo estão em constantes mudanças na sociedade, portanto aos olhos de um sensível antropólogo o secula-

rismo depende de normas e agentes que o regulam, e principalmente do olhar do indivíduo que está inconformado com os símbolos religiosos, nos órgãos estatais, por exemplo.

O trabalho de Giumbelli é de fundamental importância, pois são temas poucos explorados, e ainda mais por tratar de cinco capítulos sobre o Cristo Redentor, indubitavelmente quando estamos em debates contemporâneos sobre a religião, sobretudo quando se analisa as questões do sagrado e dos símbolos que fazem parte da sociedade.

Assis Felipe Menin

MENIN, Assis Felipe. Símbolos religiosos em controvérsias: uma resenha. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 41, p. 173-175, ago. 2015. ISSN: 1676-8965.

